

## A MODALIZAÇÃO NO GÊNERO NOTÍCIA JORNALÍSTICA (The modalization in the discourse genre news)

### ABSTRACT

News has been considered as a discourse genre that persecutes objectivity. Questioning this thesis, the main objective of this work is to show how argumentation is intrinsic to this discourse genre, through modalization. The hypothesis investigated is that the main semantic-discursive strategies of the genre are the polyphony of locutors and the *dicendi* verbs working as a discourse modalizer. Two theories were used to prove such hypothesis: the Theory of Language Argumentation and the Theory of Modalization. The *corpus* consists of 30 political pieces of news collected from *O Estado de São Paulo* and *Folha de São Paulo*, during the period before the presidential elections in 1992. The results not only proved the hypothesis but also showed that in the genre which was investigated the polyphony of locutors works as a modalizer and permits that the responsible locutor assumes different positions in relation to other locutors introduced in its text. The *dicendi* verbs also work as modalizers and contribute to this argumentative phenomenon inside the genre.

**Key-Words:** Modalization, Argumentation, News

### RESUMO

A notícia é considerada no meio jornalístico como um gênero do discurso de caráter informativo que persegue a objetividade. Questionando essa tese, o objetivo desse trabalho é mostrar que a argumentação é intrínseca ao referido gênero, através do fenômeno da modalização. Logo, postula que a modalização discursiva está presente na notícia, através da polifonia de locutores e dos verbos *dicendi*. O referencial teórico que dá embasamento a pesquisa é a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e colaboradores, e a Teoria da Modalização, a partir de Koch, Castilho e Cervoni. As considerações aqui apresentadas resultaram da pesquisa que deu origem à tese de doutorado "A polifonia de locutores – recurso modalizador – na notícia jornalística", a respeito das estratégias argumentativas presentes no referido gênero do discurso. Na referida investigação, foram analisadas 30 notícias de cunho político veiculadas pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, em setembro e outubro de 2002. As principais conclusões a que se chegou foram que a notícia jornalística é um gênero do discurso que apresenta como principal estratégia argumentativa a polifonia de locutores, funcionando como modalizador discursivo, e que os verbos *dicendi* corroboram essa estratégia, inclusive exercendo o papel de modalizadores avaliativos.

**Palavras-Chave:** Modalização – Argumentação – Notícia

A notícia jornalística, diferentemente do que é proposto em manuais de redação de empresas jornalística, é um gênero do discurso marcado pela presença de elementos argumentativos. A pretensa objetividade desse gênero, muitas vezes denominado de informativo, é atenuada ou desfeita através de diferentes

---

\* Doutor em Letras, área de Linguística e Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba e professor adjunto da mesma instituição. E-mail: erivaldo@cca.ufpb.br

estratégias semântico-argumentativas, tais como a polifonia, a modalização através de verbos *discendi*, os operadores argumentativos, o arrazoado por autoridade, entre outras.

Esse fenômeno foi verificado nas pesquisas que deram origem à tese de doutorado intitulada “Jogando com as vozes do outro: A polifonia de locutores – recurso modalizador – na notícia jornalística”, que descreveu as principais características semântico-argumentativas do referido gênero. O *corpus* utilizado na investigação é composto por 30 notícias políticas coletadas de *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*, no período que antecede as eleições presidenciais de 2002.

Neste artigo, trataremos especificamente da estratégia da modalização, como recurso semântico-argumentativo, no gênero em questão. Essa estratégia se dá basicamente de duas maneiras na notícia: através da polifonia e dos verbos *dicendi*.

Pela polifonia, o locutor que se apresenta responsável pelo texto introduz relatos de outros locutores, em seu discurso, e assume diferentes posicionamentos sobre os discursos trazidos, ora se comprometendo com o dito, ora se distanciando. Os verbos *dicendi* funcionam como três tipos diferentes de modalização, inclusive apresentando avaliação sobre o discurso relatado. As duas estratégias, com efeito, contribuem para a comprovação da hipótese de que o gênero notícia é marcado pela argumentatividade.

## 1 TEORIA DA MODALIZAÇÃO

Ingedore Koch (2002, p. 72) assinala que, na estruturação do discurso, a relação entre os enunciadores é freqüentemente projetada através de certas relações de modalidade e ainda acrescenta que o locutor manifesta suas intenções e atitudes diante do enunciado através de diferentes atos ilocucionários de modalização. A modalização consiste, portanto, em uma das estratégias argumentativas que se materializa lingüisticamente.

Castilho e Castilho (1993, p. 217) afirmam que o termo modalização expressa um julgamento do falante perante a proposição. Lyons (1977, p. 329) afirma que, na lógica tradicional, o termo modalidade é utilizado para descrever a quantificação do predicado. O autor ainda acrescenta que o único tipo de modalidade reconhecido pela lógica tradicional é o que relaciona as noções de necessidade e possibilidade ao valor de verdade e falsidade das proposições, ou seja, a modalidade alética.

The only kind of **modality** recognized in traditional modal logic is that which has to do with the notions of necessity and possibility in so far as they relate to the truth (and falsity) of propositions: **aletheutic**, or **alethic** modality. (1977, p. 328, grifo do autor)<sup>1</sup>.

Os lógicos relacionam a modalidade alética, segundo Lyons, mais à necessidade do que à possibilidade. Necessidade é definida em termos de verdade em todos os universos possíveis e possibilidade em termos de verdade em alguns universos possíveis (1977, p. 329).

Cervoni (1989, p. 53) afirma que o termo modalidade implica a idéia de que uma análise semântica permite distinguir, em um enunciado, um conteúdo proposicional (dito) de um ponto de vista do falante sobre esse conteúdo (modalidade). Para o autor, a modalidade é constitutiva da significação fundamental do enunciado, o que a distingue da conotação.

O autor (1989, p. 63) apresenta uma classificação, segundo a qual se pode distinguir o que é tipicamente modal do que é parcialmente modal e do que é possível e vantajoso excluir do campo das modalidades. O que é tipicamente modal, ele denominou de núcleo duro, o que é parcialmente modal foi denominado de modalidade impura.

Dentro do núcleo duro foram incluídas as modalidades proposicionais e os auxiliares de modo, uma vez que ambos “têm uma significação essencialmente modal perfeitamente explícita” (CERVONI, 1989, p. 63). Ocorrem modalidades proposicionais em frases do tipo “(unipessoal) + é + Adjetivo + *que* P ou Infinitivo”, como no exemplo “É possível que as aulas comecem em julho”. Nesse caso, a modalidade expressa pela estrutura “é possível” incide sobre toda a proposição “que as aulas comecem em julho”.

Com relação à modalidade impura, o autor afirma que essa inclui “os casos em que a modalidade é implícita ou mesclada num lexema, num mesmo morfema, numa mesma expressão, a outros elementos da significação” (ibidem, p. 68). Nesse grupo, estão incluídos alguns adjetivos avaliativos, como útil, agradável, interessante, grave, etc., os verbos *dicendi*, dos quais trataremos mais adiante, e os modos verbais.

Segundo Lyons (1977, p. 331), todas as línguas naturais provêm seus falantes com recursos prosódicos (acentuação e entonação) com os quais eles expressam tipos distintos de enunciados epistêmicos. Alguns, mas nem todos, são gramaticalizados (categoria de modo), alguns são lexicalizados ou semilexicalizados (verbos modais – dever; adjetivos modais – possível; advérbios modais – possivelmente; partículas modais – talvez).

---

<sup>1</sup> Tradução literal, nossa: O único tipo de modalidade reconhecida pela lógica tradicional de modo é aquela que tem a ver com as noções de necessidade e possibilidade na medida em que elas se relacionem com a verdade (e a falsidade) das proposições: modalidade aletética ou alética.

Os modalizadores, elementos lingüísticos que materializam a modalização, são agrupados por Castilho e Castilho (1993, p. 222) em três tipos de modalização, revelando diferentes posições do falante em face da proposição ou do conteúdo da proposição ou enunciado: Modalização Epistêmica, Deontica e Afetiva. A esse último tipo de modalização preferimos denominá-la, neste trabalho, de modalização avaliativa, em decorrência do *corpus* analisado, como explicitaremos mais a seguir.

A Modalização Epistêmica ocorre quando o locutor expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição. Essa se divide em *asseverativa*, em que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, *quase-asseverativa*, em que o falante considera o conteúdo da proposição quase certo ou como uma hipótese a ser confirmada e por isso não se responsabiliza pelo valor de verdade da proposição e *delimitadora*, que estabelece os limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo da proposição. Os enunciados que seguem exemplificam a modalização epistêmica.

O segundo tipo é denominado de Modalização Deontica. Seus modalizadores indicam que o falante considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou precisa ocorrer obrigatoriamente, de acordo com Castilho e Castilho (1993, p. 223).

O terceiro tipo é denominado por esses autores de modalização afetiva, pois segundo eles se constitui naquela em que o falante verbaliza suas reações emotivas em face do conteúdo da proposição, excetuando-se qualquer consideração de caráter epistêmico ou deontico. Castilho e Castilho (1993, p. 223) afirmam que essa modalização constitui a função emotiva da linguagem e se subdivide em dois tipos: *subjativa*, que expressa uma predicação dupla, a do falante em face da proposição e a da própria proposição, e *intersubjetiva*, que expressa uma predicação simples, assumida pelo falante em face de seu interlocutor, a propósito da proposição.

No entanto, preferimos denominar esse terceiro tipo como modalização avaliativa, porque mais do que revelar um sentimento ou emoção do locutor em função da proposição ou enunciado, esse tipo de modalização indica uma avaliação da proposição por parte do falante, emitindo um juízo de valor e indicando, ao mesmo tempo, como o falante quer que essa proposição seja lida. A modalização avaliativa excetua qualquer avaliação de caráter epistêmico ou deontico. Dessa forma, temos o seguinte quadro, com cada um dos tipos de modalização:

**Tabela 1:** Tipos de modalização

Modalização	Imprime no enunciado
Epistêmica	Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo proposicional.
Deôntica	O conteúdo proposicional do enunciado deve ou precisa ocorrer.
Avaliativa	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, excetuando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica.

## 2 A POLIFONIA DE LOCUTORES COMO RECURSO MODALIZADOR

O conceito de polifonia nos estudos de linguagem foi introduzido por Bakhtin, em *problemas da Poética de Dostoiévski*, quando o estudioso postulou a existência de dois tipos de literaturas: a dogmática, de tipo monológica, e a carnavalesca, popular ou polifônica. Na última ele inclui a obra de Dostoiévski. Na literatura polifônica, diz o autor, a personagem apresenta-se a si mesmo e é agente do seu próprio discurso, estabelecendo um diálogo constante com o autor da obra (BAKHTIN, 2002, p. 64).

Ducrot (1988, p. 15) traz o conceito de polifonia para a Lingüística, a fim de questionar a unicidade do sujeito falante, pretendendo provar que o enunciado - manifestação particular ou ocorrência *hic et nunc* de uma frase – pode ser passado por mais de uma voz. Em outras palavras, o que Ducrot afirma é que o autor do enunciado não se expressa nunca diretamente, mas coloca em cena diferentes personagens lingüísticos: enunciadore (pontos de vistas) ou até outros locutores. E ainda acrescenta que a própria língua dispõe de recursos lingüísticos e fenômenos discursivos que permitem a construção de discursos polifônicos, tais como a pressuposição, a paráfrase, a negação, entre outros.

O teórico distingue, portanto, três sujeitos da enunciação: O locutor (L), que é aquele que se apresenta como responsável pelo discurso e a quem se referem as marcas de 1ª pessoa do discurso; o sujeito empírico (SE), que é o autor efetivo, ou seja, o produtor do enunciado; e os enunciadore (E), que são pontos de vista que o locutor apresenta em seu discurso. (DUCROT, 1988, p. 16) Por conseguinte, Ducrot afirma que é possível identificar dois tipos de polifonias na língua: a polifonia de enunciadore e a polifonia de locutores.

A polifonia de enunciadore ocorre quando, no mesmo enunciado, é possível identificar pontos de vista diferentes, colocados em cena pelo locutor responsável pelo discurso: “De uma maneira análoga, o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadore de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes.” (DUCROT, 1987, p. 193).

Ao colocar em cena esses enunciadore, o locutor assume diferentes

posições com relação a esses enunciadores, ora aprovando-os, ora assimilando-se a eles, ora se opondo a eles. E, como exemplo de polifonia de enunciadores, Ducrot cita a pressuposição, o humor e a ironia, a negação, os enunciados formulados com *masPA*, entre outros.

A polifonia de locutores, por sua vez, é encontrada no discurso relatado, em que existem, pelo menos, dois locutores distintos. Nos enunciados com esse tipo de discurso, há uma pluralidade de responsáveis, “dados como distintos e irredutíveis” (DUCROT, 1987, p. 182).

Ducrot afirma que o discurso relatado “procura reproduzir na sua materialidade as palavras produzidas pela pessoa de quem se quer dar a conhecer o discurso” (1987, p. 186), logo relatar um discurso é dizer que palavras foram utilizadas pelo autor desse discurso.

A diferença entre o discurso relatado direto e o discurso indireto, de acordo com Ducrot, é que o primeiro daria a conhecer a forma, ou seja, dizer que palavras foram utilizadas pelo autor do discurso relatado, enquanto o segundo, o conteúdo. No entanto, o estilo direto pode visar somente o conteúdo, como assinala Ducrot (1987, p.187): “O estilo direto pode também visar só o conteúdo, mas para fazer saber qual é o conteúdo, escolhe dar a conhecer uma fala (ou seja, uma seqüência de palavras, imputada a um locutor).”

O estilo direto, acrescenta o autor, implica fazer falar um outro e, desta maneira, atribuir-lhe a responsabilidade das falas. Para Ducrot, “isto não implica que sua verdade tenha uma correspondência literal, termo a termo” (DUCROT, 1987, p. 187).

Por esse motivo, a diferença entre o estilo indireto e direto ultrapassa as barreiras da forma e do conteúdo. Nas nossas investigações a respeito do gênero notícia – parte das quais estamos publicando neste artigo –, temos verificado que, em cada um dos estilos, o locutor assume posições diferentes com relação ao relato: no direto, o seu comprometimento com o dito é qualitativamente menor.

O exemplo abaixo, retirado do corpus da pesquisa em questão, mostra como ocorre o comprometimento com o dito:

### *Exemplo 1*

Na verdade, o tiroteio partiu mais de Serra, colocando Ciro na defensiva, a ponto de ter deixado sem resposta duas acusações de Serra de que mentira. **Uma foi a de que não é fundador do PSDB**, ao contrário do que diz sempre, e **a outra a de que pagou antecipadamente a dívida do Ceará**. (Folha de São Paulo, 05.08.2003)

No trecho acima, retirado da notícia sobre a repercussão do primeiro debate entre os presidenciáveis realizado na TV, o locutor responsável pela notícia L1 apresenta o ponto de vista segundo o qual José Serra travou um duelo verbal contra Ciro Gomes, principalmente na posição de acusador. Em seguida, apresenta o discurso de L2, José Serra, afirmando que Ciro não é fundador do PSDB e de que Ciro não teria pago antecipadamente a dívida do PSDB. Esse discurso

aparece na forma indireta e introduzido por um verbo *dicendi* não-modalizador, “dizer”. Logo, a postura de L1 é de assimilação do discurso de L2. Isso se confirma por ter sido esse o discurso utilizado por L1 para justificar o ponto de vista apresentado anteriormente na notícia: Serra acusou Ciro de mentiroso.

O exemplo a seguir, por outro lado, mostra como, através da polifonia, ocorre um distanciamento, ou não-comprometimento:

### *Exemplo 2*

O candidato a presidente José Serra (PSDB) convidou ontem a primeira-dama, Ruth Cardoso, para ocupar um ministério da área social, caso vença as eleições. **“Ela vai me dar um puxão de orelha, mas queria expressar meu desejo de ter a Ruth no Ministério”**, disse o tucano, ontem à noite, durante um comício para mulheres no Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo. **“Já imaginou Ruth e Rita (Camata, do PMDB, sua vice) no mesmo governo? Essa dupla é mais forte que Ronaldinho e Rivaldo.”** (O Estado de São Paulo, 13.08.2003)

Essa notícia apresenta o ponto de vista segundo o qual o convite de José Serra (L2) para que a primeira-dama Ruth Cardoso faça parte do seu governo é uma estratégia de aproximação da imagem do candidato à figura de FHC. Daí justificar-se o afastamento de L1 do discurso de L2, José Serra. Ao trazer o discurso do presidenciável, na forma direta, L1 isenta-se do dito, atribuindo total responsabilidade ao segundo locutor. Para isso também contribui o verbo *dicendi* “dizer”, do primeiro grupo: com esse verbo L1 não modaliza o discurso de L2, apenas limita-se a apresentá-lo.

Os exemplos acima demonstram como o discurso relatado pode revelar-se uma estratégia de comprometimento ou distanciamento com o dito, logo, uma estratégia de modalização discursiva. No primeiro caso, de engajamento ou comprometimento com o dito, temos uma modalização do tipo epistêmica asseverativa, uma vez que a postura é de responsabilidade para com o dito e o locutor responsável o incorpora. No segundo caso, por sua vez, a modalização é do tipo epistêmica quase-asseverativa, uma vez que o falante se furta de qualquer responsabilidade sobre o caráter de verdade ou falsidade do dito, nos termos em que coloca Castilho e Castilho (1993, p. 222).

Além do discurso relatado, a polifonia de locutores pode ocorrer, na notícia, através do arazoado por autoridade e das aspas de diferenciação. Em ambos os casos, também é possível verificar posicionamentos do locutor responsável pela notícia com relação ao dito de outros locutores. Logo, é possível afirmar que a polifonia de locutores, no referido gênero, é uma estratégia de modalização, que, de acordo com os dados levantados na pesquisa, pode ser resumida no quadro a seguir:

**Tabela 2:** Polifonia de locutores como modalização discursiva

<b>Estratégias com as quais se apresenta a polifonia de locutores</b>	<b>Tipo de modalização</b>
discurso direto e o discurso indireto ratificando o indireto com ou sem arrazoado por autoridade; aspas de diferenciação	modalização epistêmica quase-asseverativa
discurso indireto, acompanhado ou não com o arrazoado por autoridade	modalização epistêmica asseverativa

### 3 VERBOS *DICENDI* MODALIZADORES

Um dos elementos lingüísticos que podem assumir, discursivamente, a função de modalizadores são os verbos. De maneira especial, os verbos *dicendi* exercem essa função, em concomitância com a polifonia de locutores.

Travaglia (2003, p. 164) afirma que os verbos *dicendi* podem exercer três funções em um texto. A primeira é a de introduzir falas, “permitindo que se descrevam entonações, tons, altura de voz, etc. da fala, que não podem ser reproduzidos na língua escrita”. Como exemplos desse primeiro tipo de verbos ele cita *sussurrar, sibilar, gritar, pedir num gemido, chamar desesperado (feliz, ansioso, calmamente etc.)*.

O segundo tipo de verbos *dicendi*, de acordo com Travaglia, é aquele que serve para “dizer o tipo de fala que se produz”, a exemplo de *perguntar, responder, redargüir etc.* Por fim, o autor diz que há um terceiro tipo cuja função é “instituir perspectivas em que se deve tomar a fala” (idem). São exemplos desses verbos *segredar, instilar, acalmar etc.*

Ora, uma vez que estabelecem perspectivas, esses verbos do terceiro tipo imprimem um ponto de vista do locutor perante o dito, ou mais especificamente, permitem que um locutor, ao trazer o discurso de um outro locutor, imprima como aquele discurso deva ser lido. Em outras palavras, o verbo adquire duas funções: a primeira é apresentar o discurso de um segundo locutor (L2), a segunda é indicar como o locutor responsável pelo discurso (L1) quer que o discurso desse segundo locutor (L2) seja lido. O exemplo abaixo, retirado do *corpus* da nossa investigação, ilustra bem esse caso.

#### *Exemplo 3*

Ciro, por sua vez, acusou Serra de **não ter apoiado o Plano Real**. O senador retrucou que **defendera tanto o Real que se tornara o candidato do principal responsável pelo plano, o presidente Fernando Henrique Cardoso**. (Folha de São Paulo, 05.08.2003)



No exemplo acima, o verbo “acusar”, além de introduzir o discurso de um segundo locutor (L2=Ciro Gomes), deixa claro que o locutor responsável pelo discurso (L1=jornalista) quer que o discurso de L2 seja lido como uma acusação. Logo, L1 direciona o olhar do leitor para o discurso de L2, ou seja, modaliza e direciona o discurso de L2. Aqui ocorre, portanto, um fenômeno discursivo bastante peculiar. Temos um discurso polifônico<sup>2</sup> em que L1 coloca em cena o discurso de um L2, sendo uma polifonia de locutores, e, ao trazer o discurso do segundo locutor, L1 modaliza esse discurso, indicando como deve ser lido.

Neves (2000) inclui os verbos *dicendi* em um grupo maior de verbos, por ela denominado verbos de elocução. Para a autora, esses verbos são “introdutores de discurso (discurso direto ou discurso indireto)” (p.47). Ela sugere que, no discurso direto, a responsabilidade do locutor é muito menor com relação ao discurso dos outros locutores que esse traz para o texto, no entanto, ela limita essa menor responsabilidade ao campo da correferencialidade e da dêixis.

Acrescenta Neves que, entre os verbos *dicendi*, há alguns que “apresentam lexicalizado o modo que caracteriza esse dizer” (p. 48). Com essa afirmação de que os verbos desse grupo apresentam lexicalizado o modo que caracteriza o dizer, a autora sugere que esses verbos são elementos modalizadores, apesar de não falar categoricamente em modalização discursiva através dos verbos *dicendi*. Como exemplo ela cita verbos como *queixar-se, comentar, confidenciar, observar, protestar* etc., que podem também ser parafraseados por *dizer uma queixa, dizer um comentário, dizer uma confidência, dizer uma observação, dizer um protesto* etc.

Cervoni (1989) considera que alguns verbos enunciativos, ou seja, verbos *dicendi* podem ser portadores de modalidade. Para o autor, determinados verbos como “afirmar, sustentar, confirmar, garantir, certificar, declarar, contestar, negar,” são portadores de uma síntese lexêmica do tipo enunciativo + modalidade.

Enunciar *Eu sustento que João é amável* é “dizer mais” do que enunciar *Eu digo que João é amável* (ou *Eu respondo que, Eu explico que...*): sustentar é o equivalente de *dizer* + modalidade (noção de certeza) (CERVONI, 1989, p. 68).

Convém assinalar que o exemplo trazido acima, pelo autor, ocorre em primeira pessoa, revelando uma preocupação do autor de tratar a modalidade dentro do discurso do próprio locutor responsável pelo discurso, ou como um ato ilocutório, como se vê mais adiante. Não contempla, portanto, os casos do verbo *dicendi* nos textos em terceira pessoa, a exemplo do que ocorre na notícia jornalística.

---

<sup>2</sup> A polifonia é aqui tratada a partir de Ducrot (1988, p. 16) para quem o autor do enunciado não se expressa nunca diretamente, mas põe em cena, no mesmo enunciado, um certo número de personagens lingüísticos.

O autor ainda acrescenta que “*dizer que, responder que, explicar que*, não são de modo algum considerados como verbos modais; eles se limitam a explicitar as circunstâncias da interlocução” (ibidem, p. 69). Ainda com relação a essas formas, Cervoni acrescenta que embora elas se pareçam com as outras formas de modalidade, no sentido de que têm uma exterioridade com relação ao enunciado que lembra a exterioridade das modalidades proposicionais em relação à proposição (sic), essas estruturas se constituem em atos de linguagem.

Resta a pergunta: se elas não são modalidades, o que são? Basta aceitar a idéia de que todo dizer é um fazer (cf. *infra*, cap. IV) para poder atribuir-lhes um lugar adequado na análise lingüística: elas fazem parte do ilocutório, são tipos de atos de linguagem (CERVONI, 1989, p. 75).

Com relação ao verbo “dizer”, a expressão “Eu digo que...”, segundo Cervoni é pouco corrente, uma vez que só é empregada quando se deseja insistir no fato de que se está enunciando alguma coisa (ibidem, p. 74).

As classificações de Travaglia (2003) e Neves (2000) são bastante pertinentes e apresentam algumas características bastante relevantes dos verbos *dicendi* e/ou verbos de elocução. No entanto, as classificações propostas pelos dois autores não nos são satisfatórias, uma vez que não descrevem com precisão o funcionamento dos verbos *dicendi* modalizadores, como assinalamos anteriormente.

Cervoni, embora considere a modalidade existente em alguns verbos enunciativos, também não nos é satisfatório, uma vez que considera a modalidade apenas em enunciados do tipo “Eu + *verbo dicendi* + que...”. Essa proposta do autor não é aplicável, portanto, aos fenômenos lingüísticos apresentados no *corpus* que analisamos.

Por essa razão, apresentamos um quadro mais sintético dos verbos *dicendi*, que se aplique não somente a enunciações em primeira pessoa, mas também em terceira pessoa, a fim de dar conta da análise dos verbos *dicendi* na notícia jornalística. Assim, convém acrescentar que o referido quadro não se aplica necessariamente a outros contextos ou gêneros do discurso.

**Tabela 3:** Classificação dos verbos *dicendi*

Verbos <i>dicendi</i>	
1. não-modalizadores, ou de primeiro grupo	dizer, falar, perguntar, responder, concluir etc.
2. modalizadores ou de segundo grupo	acusar, protestar, afirmar, declarar, etc.

Os verbos *dicendi* de primeiro grupo, não-modalizadores, são aqueles que, por natureza, apresentam o discurso de um L2 (segundo locutor) sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta (L1). Com esse tipo de verbo, L1 tende a manter-se afastado do discurso de L2.

O segundo grupo de verbos *dicendi*, que aqui denominamos de modalizadores, é constituído por aqueles que além de apresentarem o discurso de um locutor (L2) assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso pelo locutor que o apresenta (L1).

No gênero notícia, ocorrem os dois tipos de verbos acima assinalados. Nesse gênero, o locutor responsável pelo discurso, doravante L1, introduz o relato de outros locutores em seu discurso por diferentes formas e/ou estruturas lingüístico-discursivas, a saber:

- a) verbos *dicendi* não-modalizadores (falar, dizer, explicar etc.);
- b) verbos *dicendi* modalizadores (acusar, elogiar etc.);
- c) nominalizações de verbos *dicendi* modalizadores (crítica, promessa etc.);
- d) frases ou expressões modalizadoras (não se deu por vencido, não deixou por menos etc.);
- e) preposições (para, segundo etc.).

Os verbos *dicendi* não-modalizadores ocorrem em casos como o seguinte, em que o verbo é utilizado apenas para apresentar o relato:

#### **Exemplo 4**

Na visita ao mercado de Belo Horizonte, Ciro ficou o tempo todo abraçado à mulher. Dizia aos repórteres: “**Somos um casal bastante feliz, dá para notar, não é? Costumamos brincar muito. Esta é uma mulher de extremo valor que Deus me deu de presente**” (Folha de São Paulo, 01.09.2003).

No exemplo acima, o verbo “dizer” apenas introduz um relato sem emitir nenhuma avaliação ou juízo de valor sobre o discurso relatado. L1, ao trazer o discurso de Ciro Gomes, doravante L2, não modaliza o discurso através do verbo *dicendi*, vale-se, no entanto, do discurso direto para assinalar o distanciamento.

Os verbos *dicendi* modalizadores apresentados nas notícias analisadas, por sua vez, podem ser tanto epistêmicos, como avaliativos. Como epistêmicos, eles veiculam um grau de certeza sobre o enunciado de L2, por parte de L1, como se pode perceber nos dois exemplos abaixo.

#### **Exemplo 5**

Antes de chegar ao clube, Ruth afirmou que **fará tudo o que estiver ao seu alcance para garantir a eleição de Serra** (Folha de São Paulo, 13.08.2003).

No trecho acima, o locutor responsável pela notícia, doravante L1, introduz em seu discurso um segundo locutor (L2), a então primeira dama, Ruth Cardoso. Esse segundo locutor traz o ponto de vista segundo o qual fará tudo que estiver ao seu alcance para garantir a eleição do presidente José Serra, do PSDB. Esse relato de L2 é apresentado no estilo indireto, o que significa um comprometimento de L1 com o relato. A presença do verbo *dicendi* “afirmar”, modalizador epistêmico asseverativo, confirma esse comprometimento, uma vez que os asseverativos, como afirma Castilho e Castilho (1993, p. 223), implicam uma alta adesão do locutor com o conteúdo do dito.

#### **Exemplo 6**

Passada a primeira semana do horário eleitoral gratuito, duas pesquisas apontam queda de Ciro Gomes (PPS) e crescimento de José Serra (PSDB) na disputa pela Presidência da República. (Folha de São Paulo, 28.08.2003)

No exemplo acima, o verbo *dicendi* “apontar” funciona como um modalizador epistêmico, do tipo quase-asseverativo, pois através dele L1 apresenta o discurso de L2 no campo da sugestão, ou seja, como uma hipótese, logo expressando uma avaliação sobre o valor de verdade do discurso do segundo locutor. Pode-se perceber, então, que não há o mesmo comprometimento de L1 com o discurso de L2, do exemplo anterior. Logo, os verbos *dicendi* modalizadores epistêmicos quase-asseverativos implicam um distanciamento polifônico (L1 distancia-se do discurso de L2). Já no exemplo que se segue, o verbo *dicendi* imprime um juízo de valor de L1 com relação ao discurso de L2.

#### **Exemplo 7**

‘Eu e Patrícia somos um casal bastante feliz’, reage candidato (Estado de São Paulo, 01.09.2003)

O exemplo acima é, portanto, um caso de modalização avaliativa, uma vez que, com o verbo *dicendi* reagir, L1 emite um juízo de valor a respeito do enunciado do outro locutor, indicando como esse deve ser lido. É importante ressaltar que essa avaliação sobre o valor de verdade ou juízo de valor expresso pelos verbos *dicendi* modalizadores é o modo como L1 decide veicular o ato de fala de L2, L3 etc.

Convém acrescentar que estamos considerando como verbos *dicendi* quaisquer verbos que sejam utilizados por um locutor (L1) para apresentar o discurso de um outro locutor (L2), independente desses mesmos verbos serem utilizados, em outros discursos ou situações, com outros objetivos. Isso significa dizer, por outro lado, que há verbos tipicamente *dicendi*, como os verbos dizer, perguntar etc., e há verbos que em determinados contextos podem funcionar como *dicendi* ou não. Esses últimos são, portanto, verbos potencialmente *dicendi*.

No entanto, há de se assinalar que além dos verbos *dicendi*, propriamente ditos, o locutor responsável pelo discurso (L1) pode se valer de outros recursos lingüísticos para introduzir outros locutores no seu discurso. Dentre esses recursos, encontram-se as nominalizações dos verbos *dicendi*, como no caso abaixo retirado do próprio *corpus*.

### **Exemplo 8**

Com o encontro, FHC deseja uma espécie de pacto de transição, sob o argumento de que **interessa a todos evitar uma crise de proporções argentinas**. No país vizinho, a economia derreteu e gerou crise institucional e social. (Folha de São Paulo, 14.08.2003)

No exemplo acima, L1, o locutor responsável pelo discurso, introduz o relato de um segundo locutor, o presidente Fernando Henrique Cardoso. Esse segundo locutor é introduzido não por um verbo, mas pelo substantivo “argumento”, que é uma nominalização do verbo *dicendi* argumentar, do segundo grupo. Logo, o nome “argumento” também modaliza o discurso de L2.

A ocorrência de verbos *dicendi* modalizadores revela a ocorrência de um importante tipo de modalização discursiva presente no discurso da notícia: a modalização avaliativa. Com essa estratégia, o locutor responsável pela notícia (L1), ao trazer o discurso de outros locutores para o interior do seu discurso, indica como esse deve ser lido. Ocorre, por conseguinte, uma avaliação do discurso do outro locutor.

Os verbos *dicendi* também podem funcionar como epistêmicos asseverativos ou quase-asseverativos. Como asseverativos eles asseguram o caráter de verdade do ato de fala exercido por um segundo locutor, no estilo direto, sem, no entanto, modalizar o conteúdo do dito desse mesmo locutor. Além disso, podem confirmar a atitude de assimilação do locutor responsável pelo discurso com relação aos outros locutores introduzidos em seu discurso – isso ocorre no estilo indireto.

Já os verbos *dicendi* epistêmicos quase-asseverativos adquirem uma outra função. Eles são utilizados, no *corpus*, com o estilo indireto, para atenuar o caráter asseverativo desse estilo, isentando L1 de responsabilidade do dito dos outros locutores introduzidos em seu discurso.

Convém ainda assinalar que o fenômeno da modalização, através dos verbos *dicendi*, ao modalizarem o discurso de um segundo locutor, age sobre a proposição como um todo. Nesse aspecto, enquadram-se perfeitamente no núcleo duro de que trata Cervoni (1989).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão que se pode tirar da investigação realizada, a respeito da notícia, é que se trata de um gênero do discurso cuja principal característica semântico-discursiva é a presença da polifonia de locutores, atuando como uma estratégia modalizadora, algumas vezes acentuada, outras, atenuada pelos verbos *dicendi* modalizadores.

Sobre a polifonia de locutores, a principal e mais relevante consideração é a de que, nesse tipo de polifonia, o locutor responsável pelo discurso (L1) assume diferentes posições com relação aos outros locutores (L2, L3 etc.) que são introduzidos em seu discurso. Fenômeno similar ocorre na polifonia de enunciadores, quando L1 assume diferentes posturas com relação aos enunciadores introduzidos em seu discurso, conforme assinala Ducrot e colaboradores em seus mais diversos trabalhos. As posturas assumidas por L1 na polifonia de locutores são de engajamento (assimilação) e não-engajamento (não-assimilação).

Com relação aos verbos *dicendi*, a conclusão mais relevante é que eles não são apenas meros introdutores de discurso ou relato. Além dessa função, eles são portadores de sentido e podem indicar o modo como esse discurso ou relato deve ser lido. Funcionam, nesse caso, como modalizadores epistêmicos ou avaliativos. Além disso, pode-se concluir que nem todos os verbos se propõem a essa função modalizadora. Há um grupo que serve exclusivamente para introduzir o discurso e assinalar as circunstâncias em que o relato foi produzido, indicando apenas os atos de fala: são os verbos *dicendi* não-modalizadores.

No que diz respeito à ocorrência das estratégias de engajamento e não-engajamento presentes no interior do gênero notícia, percebeu-se uma maior ocorrência das segundas em relação às primeiras (três de engajamento e sete de não-engajamento). Esse fato explica a necessidade da criação e da manutenção da imagem de neutralidade e objetividade no texto jornalístico, em especial no gênero notícia, para atender o *status quo* desse ramo de atividade humana, nos termos em que apresentam Medina (1988), entre outros estudiosos da área de Comunicação Social.

Convém ainda ressaltar que as conclusões acima assinaladas convergem para uma conclusão maior, segundo a qual o fenômeno da argumentação, inerente à linguagem humana, mobiliza diferentes recursos semântico-discursivos e que esses recursos variam de um gênero do discurso para outro, dadas as funções de cada um e as esferas nas quais estão inseridos. Por essa razão, a argumentação não pode continuar a ser tratada como uma característica apenas de alguns gêneros do discurso. Da mesma maneira, não se justifica a divisão de gêneros informativos e gêneros opinativos, no universo jornalístico.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (2002 [1895-1975]). **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução por Paulo Bezerra. Tradução de Problemi poetiki Dostoiévskovo. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de (1993). Advérbios Modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org.) **Gramática do Português Falado**. Vol. II: Níveis de Análise Lingüística. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CERVONI, Jean (1989). **A enunciação**. São Paulo: Ática.
- DUCROT, Oswald (1988). **Polifonia y Argumentación**: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle.
- DUCROT, Oswald (1987). **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2002). **Argumentação e Linguagem**. 7 ed. São Paulo: Cortez.
- LYONS, John (1977). **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MEDINA, Cremilda (1988). **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2 ed. São Paulo: Summus.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do (2005). **Jogando com as vozes do outro**: A polifonia – recurso modalizador – na notícia Jornalística (tese de doutorado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- NEVES, Maria Helena de Moura (2000). **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). **Gramática Ensino Plural**. São Paulo: Cortez.

